

1

A raiz de todos os males

No que diz respeito ao dinheiro, os norte-americanos sofrem de transtorno dissociativo de personalidade. Todos querem ficar ricos e, no entanto, todos sentem alguma vergonha desse desejo. Admiramos os ricos, mas também acreditamos que os ricos são pessoas amorais e más. Gostamos do luxo, mas também acreditamos que gostar de luxo é grosseiro e básico. Adoramos a riqueza material, mas também maldizemos o materialismo. Muitos de nós exibimos a nossa riqueza sempre que possível, mas ficamos incomodados quando outras pessoas o fazem. Adoramos histórias de pobres que ficaram ricos, mas também adoramos histórias de nobres camponeses que levam uma vida simples ou de pessoas ricas que perdem posses. Lemos livros sobre como ficar ricos rapidamente, mas ninguém pensa que o dinheiro é um remédio para todos os males. Acenamos em concordância quando Gordon Gekko diz «a ganância é [...] boa; a ganância é correcta», mas depois aplaudimos quando o sacana ganancioso é metido na cadeia.

Provavelmente, o leitor quer mais dinheiro. Se tivesse o bilhete de lotaria vencedor nas mãos, não o rasgaria, nem o entregaria ao próximo sem-abrigo que visse. Se o seu patrão lhe oferecesse um aumento de 20%, não diria: «Não, obrigado, já tenho que chegue.» Se o seu pequeno negócio — suponhamos, vender *T-shirts* do apóstolo S. Paulo¹ — visse os lucros duplicarem, provavelmente pensaria que Deus o tinha abençoado, e não amaldiçoado. Mesmo que nem sempre o diga, quer mais dinheiro. Não se importaria seguramente de ser rico.

Pois comigo dá-se o mesmo. Sou tal qual como o leitor. Há anos, escolhi aceitar um lugar numa faculdade de Gestão porque estas pagam aos professores duas vezes mais do que os estabelecimentos de Letras². Admito que receber duplamente não me fez duplamente feliz. Mas já fui «pobre» (pelos padrões norte-americanos) e já fui rico, e ser rico é melhor.

Ainda assim, no fundo, a maioria de nós sente que há algo desagradável em *querer* obter riqueza. O Sonho Americano implica alcançar riqueza — ou, pelo menos, riqueza suficiente para não haver preocupações com dinheiro. No entanto, ao longo da história norte-americana, desconfiámos sempre das pessoas ricas. Querer dinheiro, querer ser rico e, de facto, ter riqueza, parece depravado. Numa conversa educada, não se espera que se aluda a ganhar ou ter dinheiro.

Querer mais dinheiro é como ver pornografia: a maioria fá-lo³, mas a maioria sente vergonha disso.

A maioria dos norte-americanos é cristã⁴. Jesus diz que «difícilmente um rico entrará no Reino do Céu. [...] é mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino do Céu»⁵. Lido

fora de contexto — que é como a maioria das pessoas lê isto — parece que ser rico é condenável.

Ao mesmo tempo, muitos norte-americanos subcrevem agora a ideia do «evangelho da prosperidade». Defendem que, se tiverem fé suficiente em Deus, Deus proporcionar-lhes-á não apenas a segurança financeira básica, como também riqueza. O ministro baptista Russell Conwell afirmou:

Dinheiro é poder e deve-se ser razoavelmente ambicioso para o ter. Deve-se porque se pode fazer mais o bem com ele do que sem ele. O dinheiro imprimiu a vossa Bíblia, o dinheiro constrói as vossas igrejas, o dinheiro envia os vossos missionários, o dinheiro paga aos vossos pregadores, e não teriam nada disso, se não pagassem. Eu estou sempre receptivo a que a igreja me aumente o salário, pois a igreja que paga o melhor salário é a igreja que o consegue aumentar mais facilmente. Não conhecem uma excepção a isto na vossa vida. O homem que recebe o maior salário pode fazer o maior bem com o poder que lhe é concedido. Claro que pode se o seu espírito for o certo para o usar para a finalidade com que ele lhe é dado.⁶

Ainda hoje é possível ligar o televisor ao domingo de manhã e ver pregadores a defender este raciocínio. Amai a Deus, e Deus conceder-vos-á... não apenas uma casa, mas uma casa grande; não apenas um automóvel, mas um automóvel de luxo. É difícil compreender porque é que Deus nos daria todas estas riquezas, se as riquezas nos destruíssem a alma. Repito: no que diz respeito a bens e riqueza, os norte-americanos sofrem de transtorno dissociativo da personalidade.

Em geral, é verdade que pareceu que muitos dos grandes moralistas da história suspeitaram do dinheiro e da riqueza. Jesus disse-nos que os simples herdariam a terra e avisou-nos de que o dinheiro corrompe as nossas almas. A Bíblia do Rei Jaime refere quatro vezes o dinheiro como «interesse imundo»⁷. Embora o Buda fosse bastante prático no tocante à necessidade de dinheiro, ainda assim viveu como um asceta. Os monges budistas contemporâneos procuram *transcender* a necessidade de dinheiro⁸. A mensagem parece ser que, idealmente, ultrapassaríamos a necessidade e o desejo de riqueza. O filósofo Jean-Jacques Rousseau defendeu que a invenção da propriedade privada foi um erro colossal⁹. Pensava que o amor do dinheiro nos torna fúteis e estúpidos, conduzindo a «formas destrutivas e narcísicas de amor-próprio»¹⁰. O filósofo Arthur Schopenhauer advertiu-nos de que «as riquezas [...] são como a água do mar: quanto mais bebemos, mais sede temos»¹¹. Karl Marx previu que um dia os pobres se sublevariam e *assassinariam* todos os ricos, criando em seguida um céu igualitário na terra. Paul McCartney trauteou «O dinheiro não pode comprar-me amor», mas, ao que parece, 48,6 milhões de dólares conseguiram comprar-lhe um divórcio¹². O movimento Occupy Wall Street e Bernie Sanders insurgiram-se contra o 1% — esqueçamos que Bernie Sanders está agora ele próprio nesse 1%¹³. A velha canção dos Kansas *Dust in the Wind* recorda-nos que «todo o nosso dinheiro não nos comprará mais um minuto». Toda a gente diz «não podes levá-lo contigo, quando morreres».

Este livro tem como título *É OK Querer Ser Rico*. Penso que os moralistas de dedo acusador espetado não têm razão — ou, pelo menos, exageraram no seu ponto de

vista. O dinheiro é a maior de todas as invenções humanas. Gostar de dinheiro, querer mais dinheiro e querer ser rico não é apenas normal: é perfeitamente razoável. Estes desejos não nos degradam necessariamente nem nos tornam uma pessoa má. Desprezar o dinheiro e o acto de ganhar dinheiro, resulta geralmente da incompreensão daquilo que o dinheiro é, do que faz por nós e do que é necessário para o ganhar.

O filósofo estóico Séneca percebeu bem: uma pessoa equilibrada não desdenha o luxo nem é consumida por ele. Em vez disso, Séneca afirma: «Não ser capaz de suportar a riqueza é sinal de uma mente instável.»¹⁴ Se o seu dinheiro lhe traz problemas, o problema é o leitor, e não o dinheiro.

Tenciono examinar — e refutar — três preconceitos muito generalizados acerca do dinheiro e da riqueza:

1. *Querer dinheiro é mau.* Querer dinheiro é materialismo grosseiro. Revela falta de interesse pelas coisas boas da vida. As coisas boas da vida são gratuitas, e o dinheiro é uma distração.
2. *Ganhar dinheiro é mau.* Ter lucro é um aproveitamento explorador. Ganhar dinheiro com fins lucrativos significa prejudicar e tirar partido de outrem. As boas vocações servem altruistamente os outros. Sem fins lucrativos é melhor do que com fins lucrativos. Os negócios são sujos, e a única coisa que justifica os ganhos em projectos com fins lucrativos é doar a maior parte do que se ganha.
3. *Ficar com dinheiro é mau.* Se enriquecer, tem o dever de doar a maior parte do que conseguiu. Deve viver simplesmente para que outros possam simplesmente

viver. É errado viver com desafogo quando há pessoas a morrer. Tem de *dar* à sociedade, e não apenas *tirar*.

Na verdade, trata-se efectivamente de *preconceitos*, e não apenas de erros. As perspectivas antidinheiro e antimercado baseiam-se em estereótipos injustos, em preconceitos intrínsecos ou em teorias pré-científicas acerca de como a economia, o comércio e o dinheiro funcionam na realidade.

Pelo contrário, defenderei:

1. *Querer dinheiro é OK*. Dinheiro é liberdade. O dinheiro protege-nos das coisas más da vida e torna mais fácil levar uma vida que seja autenticamente nossa. É razoável querer dinheiro porque é razoável querer o que o dinheiro nos permite.
2. *Ganhar dinheiro é OK*. Em geral, quanto mais dinheiro se ganha, mais se faz pelos outros e pela sociedade. Ganhar dinheiro pode ser, e geralmente é, uma coisa boa e nobre. O negócio médio ou o assalariado já «deu» à sociedade prestando simplesmente o seu serviço essencial. Qualquer coisa extra será, bem, *extra*.
3. *Ficar com dinheiro é OK*. Claro que todos temos o dever de ajudar aqueles que necessitam. Quanto mais possuímos, maior será esse dever e mais deveremos ajudar. Mas investir dinheiro em empresas lucrativas pode ser em si mesmo uma forma de ajudar, que muitas vezes faz melhor no longo prazo do que a maior parte da beneficência. Também temos a prerrogativa de gozar o nosso dinheiro; não nascemos com uma dívida perpétua à sociedade.

Contudo, não quero com isto dizer que o outro lado está completamente errado. Há de facto pessoas que não retiram alegria do dinheiro, que vivem presas a ele, em vez de libertas por ele. Há muitas pessoas ricas que obtiveram a sua riqueza com recurso a meios ignóbeis; a sua riqueza deve ser condenada. Muitos de nós, tanto ricos como da classe média, doamos muito menos para beneficência do que deveríamos. Mas nada disso justifica a nossa desconfiança geral do dinheiro ou dos ricos.

Quase toda a gente adora dinheiro. Mas quase ninguém adora o dinheiro por si só. Adoram o que o dinheiro pode fazer: abre portas, leva-os a sítios, mostra-lhes novas oportunidades, elimina fontes de preocupação e compra-lhes segurança relativamente à maioria das coisas más que a vida põe no seu caminho. Adoram o facto de o dinheiro os poder libertar para levarem uma vida que é autenticamente sua, para serem os autores das suas próprias vidas. Adoram que o dinheiro os coloque numa posição que lhes permite ajudarem outros, em vez de precisarem da ajuda de outros.

Não são vorazes nem gananciosos. Ainda assim, preferem ter mais do que menos e muitas vezes querem mais do que têm. E querem viver confortavelmente e permitir-se alguns luxos.

E isso é OK.

TODOS ODEIAM OS RICOS

Pode ver-se o transtorno dissociativo de personalidade norte-americano nas nossas atitudes para com os ricos. Adoramos a revista *People*. Empresários como Steve Jobs, Elon Musk e Mark Cuban fascinam-nos. Mas também